



CRIAMOS BOA IMPRESSÃO!

saiba mais em www.edicopia.pt



Diário de Aveiro

30 DE OUTUBRO DE 2018 TERÇA-FEIRA

Economia

Director Adriano Callé Lucas

ITALBOX
THE WATER PROTECT

www.italbox.pt

Jaime Quesado escreve sobre Europa no novo livro



A inglesa Savills IM adquiriu o Aveiro Center por 29 milhões de euros

Página 2



Turismo do Centro pede apoios para lesados pelo Leslie

Página 2

Luis Simões abre



**Turismo do Centro
pede apoios para
lesados pelo Leslie**

Página 2

**Luís Simões abre
Centro Logístico
em Aveiro**

Página 3



**Amorim investe
em herdade para
plantar sobreiros**

Página 6



Entrevista Depois de ter apresentado o livro “My Europe” em Lisboa, Bruxelas e Porto, o economista apresenta também o seu mais recente livro em Aveiro, no dia 8 **Páginas 4 e 5**



IRBAL

Fábrica de Máquinas para a Construção Civil

<http://www.irbal.com>

Rua Direita 171
3810-568 - Aveiro - Nariz
Portugal

Phone: + 351 234 750 750
Fax: : + 351 234 750 751
irbal@irbal.com

Entrevista

Jaime Quesado escreve sobre Europa, desde a integração à inteligência

No dia 8 O economista regressa a Aveiro para apresentar o seu mais recente livro, que pretende assinalar os dez anos de colaboração no jornal de Bruxelas “New Europe”. Depois de Lisboa, Bruxelas e Porto, será apresentado em Aveiro

Antigo Gestor do Programa Operacional Sociedade do Conhecimento, e que foi também director das áreas de empresas e relações internacionais da Associação Empresarial de Portugal (AEP), director de inovação e TIC do Parque de Ciências e Inovação de Aveiro (entre 2010 e 2012) e que, até Abril passado, presidiu à Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública (ESPAP), Jaime Quesado escolheu também a cidade de Aveiro para, no próximo dia 8, apresentar o seu mais recente livro. Intitulado “My Europe – from integration to intelligence”, este é o quarto livro que publica, para assinalar uma década de

vidade como para a inovação. Pareceu-me interessante, também nesta altura, trazer ao lume a minha experiência nestas áreas e mostrar a experiência que nós, em Portugal, temos tido do ponto de vista do desenvolvimento nestas duas áreas. Temos o caso de Aveiro, por exemplo, que muito tem feito, fruto da ligação da universidade às empresas, na aposta de algumas empresas de referência (como a Altice, a Bosch e outras), que têm promovido projectos de futuro. É também importante lançar uma espécie de alerta para a necessidade de não desistirmos desta nossa relação com a Europa porque é evidente

gurado há poucos meses e que já é uma referência ao nível de parques de ciência e inovação de nova geração. É, portanto, importante dar um sinal de que a Europa tem que ser um projecto de equilíbrio e nós, no nosso país, temos que seguir este modelo.

”

Temos o caso de Aveiro que muito tem feito, fruto da ligação da universidade às empresas e aposta de

ocasiões sempre que possível.

As sessões de apresentação contam sempre com a presença de representantes da política, e das áreas do empresarial e formação?

Não podemos ter ilusões de que, quer ao nível da Europa quer ao nível do nosso país, qualquer aposta que se queira fazer num projecto integrado com sustentabilidade estratégica e para o futuro, tem que ter “sponsors” políticos. Tenho feito por isso. Portanto, quer em Lisboa como no Porto, a minha ideia foi ter alguém que possa dar a dimensão daquilo que é o carácter político europeu e as consequências que



A última apresentação do “My Europe”, de Jaime Quesado (à direita),

rado das apresentações deste livro é a existência de uma certa profunda desconfinar por

de Serviços Partilhados da Administração Pública (ESPAP), Jaime Quesado escolheu também a cidade de Aveiro para, no próximo dia 8, apresentar o seu mais recente livro. Intitulado “My Europe – from integration to intelligence”, este é o quarto livro que publica, para assinalar uma década de colaboração com o jornal de Bruxelas “New Europe”.

Diário de Aveiro: Como surge o livro “My Europe”?

Jaime Quesado: A publicação deste livro tem em conta três vertentes. Em primeiro, dentro desta minha perspectiva de escrever e colaborar com vários jornais há diversos anos, colaboro com um jornal independente social de Bruxelas - “New Europe” -, muito focado nas questões da inovação e competitividade, e que acompanha as instituições europeias. E foi da síntese das minhas colaborações semanais na coluna “Nova competitividade” que surge este livro, aproveitando também para assinalar essa década de colaboração. Neste livro mostro a minha ideia em relação à Europa e à importância que tem para todos nós, porque somos europeus e muito do que se tem passado nos últimos anos é fruto do projecto europeu.

Em segundo lugar, acho que o projecto europeu vive muito daquilo que é a nossa visão sobre a forma como, no futuro, devemos apostar em novas áreas, quer para a competi-

tividade às empresas, na aposta de algumas empresas de referência (como a Altice, a Bosch e outras), que têm promovido projectos de futuro. É também importante lançar uma espécie de alerta para a necessidade de não desistirmos desta nossa relação com a Europa porque é evidente que a Europa tem sido solidária em termos dos projectos nacionais que tem apoiado com os fundos comunitários. A terceira nota tem a ver com uma aposta equilibrada no nosso país. Portugal é um país muito centralizado na sua capital e os níveis de centralização, infelizmente, nos últimos 20 anos, cresceram a um ritmo nunca antes visto. A Europa é, também, um projecto de equilíbrios territoriais, e Portugal tem conseguido a fixação de alguns “clusters”/competências no território. Voltando ao exemplo de Aveiro, é uma região de grande sucesso nesta matéria porque tem uma arquitectura da situação muito colaborativa entre a universidade e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) bem como com várias empresas da região (grandes empresas como a Altice, a The Navigator, Bosch e outras, e outras mais pequenas representadas pela AIDA – Associação Industrial do Distrito de Aveiro). Dois projectos exemplares da região são o Aveiro Digital (que decorreu entre 2000 e 2009) e o Parque de Ciência e Inovação (PCI), inau-



Temos o caso de Aveiro que muito tem feito, fruto da ligação da universidade às empresas e aposta de empresas de referência

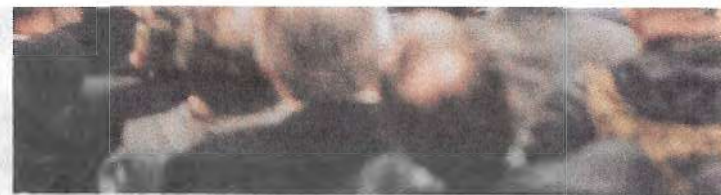
É pela sua ligação a Aveiro que decidiu apresentar, também nesta cidade, este novo livro?

Comecei por apresentar o livro em Lisboa, em 25 de Setembro. Este mês, no dia 10, apresentei-o em Bruxelas por ser um livro que diz respeito à Europa e, no passado dia 19, na Universidade Católica do Porto. Em Aveiro, a apresentação está marcada para dia 8 de Novembro, na Fundação Engenheiro António Pascoal, numa sessão que conta com a presença do presidente da CIRA, Ribau Esteves, e o presidente da AIDA, Fernando Castro, e ainda com a moderação de Judite Manso, docente na Universidade de Aveiro. Apesar de ser natural do Porto, acompanhei Aveiro e muitos dos seus projectos, sendo que um dos mais emblemáticos da minha vida foi o Aveiro Digital. Mas não posso esquecer o meu envolvimento na fase inicial do PCI. São dois projectos ganhadores da cidade e região que pode dar orgulho a qualquer português. Aveiro está no meu coração e envolverei a cidade nestas

fazer num projecto integrado com sustentabilidade estratégica e para o futuro, tem que ter “sponsors” políticos. Tenho feito por isso. Portanto, quer em Lisboa como no Porto, a minha ideia foi ter alguém que possa dar a dimensão daquilo que é o carácter político europeu e as consequências que tem para o território. No caso de Aveiro, acaba por ser ainda mais importante porque é uma das regiões onde tem havido uma capacidade de articulação entre os protagonistas locais (os autarcas) através da CIRA. Por outro lado, a AIDA representa o tecido empresarial da região. É claramente uma associação de nova geração que tem tido um papel muito importante em termos de materialização de apoios e representa várias empresas com papel importante em vários pontos estratégicos. A universidade surge, nesta apresentação, como o terceiro vértice, que dá o contraponto do conhecimento e competitividade. No fundo, acredito que temos uma simbiose muito positiva e que é exemplo para o país, onde se coloca o conhecimento ao serviço das empresas e as empresas ao serviço da região, e onde existe um compromisso muito activo dos protagonistas políticos no sentido de fazer desta simbiose a agenda para o futuro.

Como vê a Europa nos dias de hoje?

A mensagem que tenho reti-



A última apresentação do “My Europe”, de Jaime Quesado (à direita), de

rado das apresentações deste livro é a existência de um certo desencanto e uma certa confiança. Desencanto porque não se conseguiu aquilo que era a base do projecto inicial europeu: transformar a Europa num espaço único que permitisse que os países beneficiassem de uma plataforma comum em termos de competitividade internacional e que fosse capaz de ombrear com potências como os Estados Unidos, China ou Rússia. Estamos em 2018 e não vivemos um fenómeno de integração total do projecto europeu, na sua dimensão política e até no sentido económico, mas vivemos uma certa incapacidade de convergência nalguns desafios estratégicos. E a anunciada saída do Reino Unido, com o Brexit, veio complicar ainda mais a situação. Por outro lado, há um sentimento de profunda desconfiança entre as instituições e os cidadãos. Não podemos ter nenhum projecto ganhador se não houver, por parte das instituições (Comissão Europeia, Conselho Europeu ou o próprio Parlamento Europeu, que é eleito democraticamente), um sentido de confiança dos cidadãos. O que assistimos, nos diversos

países, é um sentimento de profunda desconfiança por parte dos cidadãos em relação à capacidade dos representantes na Europa e dos principais protagonistas das instituições que os representa. Temos, então, um importante desafio para o futuro: renovar a confiança dos cidadãos que, hoje, são mais inteligentes e têm níveis de responsabilidade maiores com aquilo que é a transparência e a capacidade de resposta dos políticos. Neste novo mundo que estamos a viver, os políticos europeus têm que ser capazes de dar respostas e as eleições para o Parlamento Europeu, em Maio do próximo ano, vão ser o primeiro teste. Há, no entanto, uma confiança em relação ao futuro e um sentimento positivo que tem a ver com o facto de, apesar de tudo, na Europa, temos projectos que simbolizam a capacidade de renovação do tecido económico, empresarial e político europeu. E Portugal tem sido um exemplo neste ponto de vista: temos a WebSummit por mais dez anos e temos “jóias de coroa” em termos de empreendedorismo como são Braga, Aveiro e Coimbra; há uma espécie de sentido nacional de apostar nas novas ge-



correu na Universidade Católica do Porto, no passado dia 19

Este é o quarto livro que publica, dedicando-o à Europa. Os outros três versavam que temas?

Sou economista e desenvolvi, nos últimos 25 anos, uma experiência profissional muito ligada às questões de competitividade e inovação. Comecei por desempenhar funções na direcção financeira, administrativa e de controlo de gestão de várias empresas do Grupo Amorim, de Santa Maria da Feira, e depois passei pela Associação Empresarial de Portugal (AEP), que foi um projecto associativo muito ligado ao apoio das empresas. E, desde essa altura, tenho tido intervenções mais públicas nestas áreas da competitividade e inovação. Comecei por publicar, em 2007, o primeiro livro "O novo capital", uma espécie de resposta às teorias do capital de Carl Max, onde procurei afirmar que há um novo capi-

”

Não vale a pena termos ilusões: hoje não vivemos um momento

As influências

Maria da Luz Nolasco
Museóloga



Vivemos um tempo que se conduz por influências. Às vezes, são influências da moda no sentido do gosto e do modo de vestir - o cobrir o corpo para além da protecção e do código social - e é também uma imagem que transportamos de nós mesmos e que vai ter uma vida póstuma. Seremos sempre recordados, na ausência, por uma imagem que remete para uma figura ideal: a nossa fisionomia. Guardamos uns dos outros o modo como se anda, a silhueta do corpo, a cor do cabelo e dos olhos, a expressão do sorriso, etc, etc, ... são memórias visuais e emocionais, as do pensamento e das mentalidades, que fazem a memória social da humanidade.

Cada época tem a sua maneira de seleccionar, reativar e intensificar determinações históricas na vida da Humanidade: agora voltamos a falar da "guerra fria" após as palavras de Trump e do seu confronto com a Rússia - algo que reativa uma crise do passado, dando-lhe uma vida póstuma. Voltámos a ter regimes totalitaristas nos países que se libertaram do domínio da União Soviética... entre tantas outras estranhezas.



Seremos recordados, na ausência,

rações, no sentido de lhes dar do projecto europeu. Não vale instituições da Europa. E isso



correu na Universidade Católica do Porto, no passado dia 19

rações, no sentido de lhes dar oportunidade em termos de novos projectos.

Acredita que a cooperação dos estados-membros de uma Europa a 27 vai ser reforçada?

Sob o ponto de vista político, o futuro da Europa não será fácil. Neste momento, fruto da desconfiança entre poder político e os cidadãos, temos alguns casos onde, de facto, se tem aprofundado muito aquilo que podemos chamar de “desnacionalismo” - há um novo nacionalismo a surgir nalguns países (como Hungria, Polónia, Roménia ou Itália), o Brexit anuncia uma retirada da Inglaterra

do projecto europeu. Não vale a pena termos ilusões: hoje não vivemos um momento de convergência estratégica na Europa; os sinais em relação às próximas eleições europeias são muito negativos, com sondagens a apontar para que partidos novos e nacionalistas que estão a surgir nestes países conquistem território, mostrando que vivemos um momento de profunda desconfiança.

Eu acho que a única forma para tentar resolver este equívoco e construir uma nova agenda relativamente ao projecto europeu passa por apostar na conquista da confiança dos cidadãos europeus com as

instituições da Europa. E isso através da aposta no empreendedorismo e inovação, em políticas públicas que exaltem os valores da economia partilhada e economia circular e, sobretudo, que se promova um equilíbrio muito forte entre aquilo que é a competitividade das economias mas também o respeito pela dimensão social. Tenho confiança que, apesar dos resultados do próximo acto eleitoral de Maio possam eventualmente ser menos bons em termos daquilo que é o equilíbrio normal do poder político europeu, haja outras dimensões de integração que possam dar voz a essas mesmas novas oportunidades.



Não vale a pena termos ilusões: hoje não vivemos um momento de convergência estratégica na Europa

tal de talento das pessoas e gestão, fruto da compilação de textos publicados em vários jornais. Em 2015, cumprindo 25 anos de colaboração de forma regular na área de economia do Expresso, lancei o livro “O meu Expresso”, procurando reforçar a mensagem do capital na área da inovação e competitividade. Já no ano passado publiquei um livro mais pessoal, relacionado com o meu 50.º aniversário. Intitulado “50 - da sociedade aberta à sociedade inteligente”, trata-se de uma avaliação daquilo que foi o meu percurso pessoal em termos dos caminhos que percorri, desde a escola à vida profissional, sem esquecer a vida pessoal e familiar. Agora, cumprindo 10 anos de colaboração no jornal “My Europe”, com a coluna semanal “Nova competitividade”, acabo de publicar este livro. A publicação destes livros tem-se verificado em momentos relacionados com a minha intervenção pública; mas o “My Europe” ultrapassa a projecção nacional para uma dimensão europeia. ◀

tensificar determinações históricas na vida da Humanidade: agora voltamos a falar da “guerra fria” após as palavras de Trump e do seu confronto com a Rússia - algo que reativa uma crise do passado, dando-lhe uma vida póstuma. Voltamos a ter regimes totalitaristas nos países que se libertaram do domínio da União Soviética... entre tantas outras estranhezas.



Seremos recordados, na ausência, por uma imagem que remete para uma figura ideal: a nossa fisionomia

Estamos a dar vida póstuma a muitos conflitos antigos e que estão ainda por concluir...

Agora voltamos a falar de assédio e de sexualidade no sentido mais negativo da sua manifestação corporal e sentimental - algo que seleciona e condiciona a nossa forma humana, a título póstumo.

“Estamos a escovar a história a contrapelo”, no sentido Benjaminiano da história, para quem o passado era carregado de uma atualidade que nunca estava definitivamente concluída (W,1975).

A linguagem mímica é a que reproduz, na atualidade, imagens do passado que regressam constantemente como sintomas dos problemas que a humanidade nunca resolveu. Somos influenciados pelos nossos fantasmas... e construímos um modelo atual para os factos da cultura contemporânea, à nossa medida, e somos influenciados.

Influenciados uns pelos outros nas atitudes que selecionamos, reativamos e intensificamos na nossa vida.

É também sintomático que muitas influências estão contaminadas por falsas verdades: hoje temos que saber ler entrelinhas, e nem sempre as notícias que nos chegam pelos ecrãs, os da TV e os das redes sociais, são configurações reais do nosso viver social. Há muitas não verdades; hoje até falamos das pós-verdades ou das verdades que cada um de nós constrói para si mesmo.

Influências e pós verdades são, pois, a questão da nossa contemporaneidade. ◀

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

MY EUROPE

Apresentação

Dia 8 de Novembro, às 18h

Local

Fundação Eng.º António Pascoal

Oradores

Presidente da Câmara Municipal de Aveiro (Ribau Esteves) e da AIDA (Fernando Castro); moderação a cargo de Judite Manso (UA)

